



## **ANTOLOGIA POÉTICA, DE DRUMMOND: A FACE DO AUTOANTOLOGISTA**

**Walisson Oliveira Santos**  
**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**

**Roberto Alexandre do Carmo Said**  
**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**

**Resumo:** Este ensaio propõe uma leitura da *Antologia poética* (1970), de Carlos Drummond de Andrade, destacando o processo pelo qual o autor passa a selecionar e a organizar seus poemas. Drummond, agindo como seu próprio antologista, oferece nova perspectiva sobre sua produção poética ao criar uma narrativa própria e subjetiva de sua obra poética, de *Alguma poesia* (1930) até *Viola de bolso: II* (1952). Além disso, a pesquisa explora como a coletânea permite ao autor refletir e dialogar com as fases de sua carreira, destacando temas e estilos específicos que marcam a evolução de sua escrita. A antologia é apresentada como um instrumento de autocrítica e reinvenção artística, em que Drummond busca construir uma identidade literária consistente e coesa. Ao contextualizar a obra dentro da trajetória do autor, o estudo revela a complexidade e a intencionalidade por trás das escolhas de Drummond, tornando a antologia uma peça fundamental para entender sua poética e seu impacto no cenário literário brasileiro.

**Palavras-chave:** Antologia poética; Carlos Drummond de Andrade; Autoantologia; Edição.

*Antologia poética, by Drummond: the face of the autoantologist*

**Abstract:** This essay proposes a reading of Carlos Drummond de Andrade's *Antologia poética* (1970), highlighting the process by which the author begins to select and to organize his poems. Drummond, acting as his own anthologist, offers a new perspective on his poetic production by creating his own and subjective narrative of his poetic work, from *Alguma poesia* (1930) to *Viola de bolso: II* (1952). In addition, the research explores how the collection allows the author to reflect and dialogue with the phases of his career, highlighting specific themes and styles that mark the evolution of his writing. The anthology is presented as an instrument of self-criticism and artistic reinvention, in which Drummond seeks to build a consistent and cohesive literary identity. By contextualizing the work within the author's trajectory, the study reveals the complexity and intentionality

behind Drummond's choices, making the anthology a fundamental piece for understanding his poetics and its impact on the Brazilian literary scene.

**Keywords:** Poetic anthology; Carlos Drummond de Andrade; Autoanthology; Edition.

## 1. Algumas palavras

Este trabalho propõe uma leitura da *Antologia poética* (1962), de Carlos Drummond de Andrade, com base no conceito de “autoantologista”. Trata-se de um autor que, ao selecionar e organizar seus próprios textos para uma antologia, revela aspectos particulares de seu projeto artístico e seus critérios de escolha, oferecendo uma visão dos bastidores de sua criação.

Para este ensaio, o conceito de “autoantologista” é fundamentado em uma proposição teórica própria dos autores. Assim, este ensaio incorpora uma leitura exploratória que, segundo Souza (2016), busca familiarizar-se com o problema por meio de observações e coleta de dados, visando à melhor abordagem para analisá-lo. Posto isso, buscar-se-á entender o que é notado, como as escolhas temáticas e estruturais realizadas por Drummond, e as marcas deixadas pelo autor no contexto de sua obra.

Neste ensaio, recorreremos à quinta edição da *Antologia poética*, de Drummond – a última editada pelo poeta. A primeira edição foi publicada em 1962, a pedido da Editora Sabiá, que pertencia aos escritores Fernando Sabino e Rubem Braga, e foi adquirida pela Livraria José Olympio Editora em setembro de 1972, segundo Carvalho (2019).

Diante deste contexto, este ensaio está estruturado em duas seções. Na primeira, discute-se o papel desempenhado pela Editora Sabiá através de seu projeto editorial, que permitia que seus escritores fossem os editores de suas próprias obras, como ocorreu com Carlos Drummond de Andrade na organização de sua antologia poética. Já na segunda seção, aborda-se a figura do autoantologista, o C.D.A.<sup>1</sup>, explorando aspectos como a organização, a construção narrativa, a recepção pelo leitor, seu público-alvo, e os argumentos que introduzem uma nova perspectiva para a rubrica do poeta de Itabira.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos a sigla C.D.A. para nos referir a Carlos Drummond de Andrade enquanto figura do autoantologista. Esse uso, inspirado na assinatura que aparece na “Nota da primeira edição” da *Antologia poética*, sugere uma instância do autor que organiza, comenta e é leitor de sua própria obra, distinta do eu poético presente nos versos.

## 2. A editora Sabiá, Drummond e sua antologia poética

Conforme ressalta Carvalho (2019), a Editora Sabiá – nome que remete ao pássaro do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, símbolo da pátria do eu poético, o Brasil, e que pode ter inspirado a identidade da editora – destacava-se pela publicação de uma variedade de autores nacionais e estrangeiros que representavam os cânones literários de sua época, tais como: Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Gabriel García Márquez, João Cabral de Melo Neto, Mario Vargas Llosa, Vinícius de Moraes, Oswaldo França Júnior, além dos fundadores da editora, entre outros nomes.

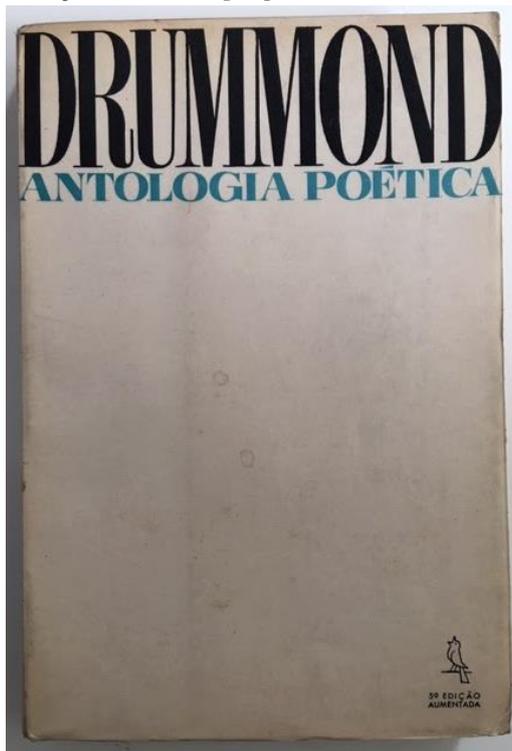
A Editora Sabiá se destacava também pela presença de dois escritores – Braga e Sabino – que atuavam como editores, supervisionando não só seus próprios manuscritos, como também os de outros autores.

A pesquisa sobre o projeto editorial da Sabiá destaca um fenômeno específico: a figura do escritor que não apenas publica, mas também edita seus próprios livros, assumindo controle criativo em todas as etapas do processo. Essa prática, conhecida como autoedição, difere da autopublicação, que normalmente refere-se apenas ao financiamento da publicação pelo próprio autor, sem envolvimento significativo na edição. Embora o fenômeno da autoedição seja mais recente, a autopublicação já fazia parte da história literária brasileira, como exemplifica *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Lima Barreto, publicado de forma independente após rejeição por várias editoras.

No caso da Sabiá, a autoedição permitiu que os autores se envolvessem na criação do material, resultando em publicações que deram destaque a gêneros como a crônica, o conto e a poesia (Carvalho, 2019). Essa abordagem resgatou uma tradição de autonomia criativa, alinhando-se a práticas que começaram a se consolidar e evoluíram no contexto moderno para incluir a participação ativa do autor em todas as fases editoriais.

Na capa do livro, percebe-se o nome do autor em primeiro plano:

**Figura 1** – Capa da 5ª edição da *Antologia poética*, de Carlos Drummond de Andrade.



**Fonte:** Walisson Oliveira Santos (2024)

O local paratextual reservado ao nome do autor, como observa Genette (2009), adapta-se de acordo com a notoriedade do escritor. No caso de Drummond, sua fama é evidenciada por caracteres mais destacados e pela supressão de partes do nome – o prenome “Carlos” e o sobrenome “de Andrade” –, uma escolha que visa “mostrar como é famoso” (Genette, 2009, p. 40). A partir disso, tal prática exige duas reflexões: “primeiro, o autor pode ser famoso por razões extraliterárias, antes de ter publicado o que quer que seja; depois, uma prática promocional de tipo mágico (fazer como se fosse para conseguir que) impele o editor, às vezes, a aproveitar-se um pouco da glória imitando seus efeitos” (Genette, 2009, p. 40).

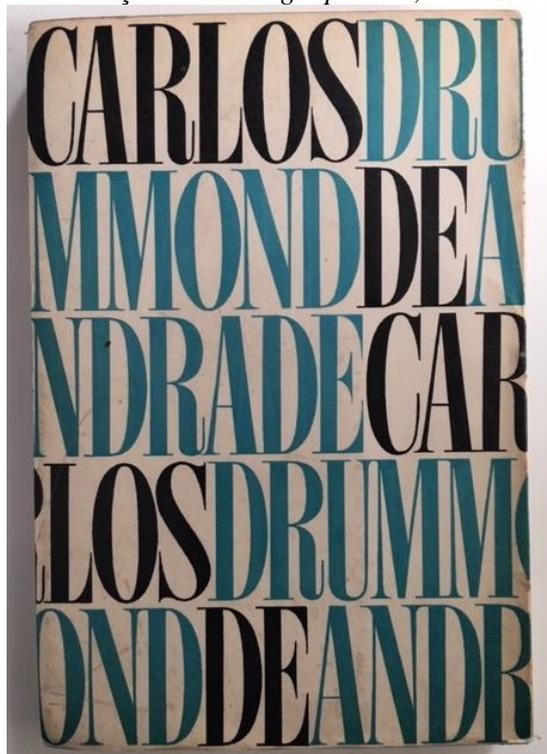
O princípio dessa variação na aparência da capa é relativamente simples: “Drummond” aparece como o autor do livro em cor preta, seguido do título “Antologia poética” em cor azul. A fonte evoca a de uma máquina de escrever devido ao seu *design* monoespaçado e às letras simples. O “Drummond” se estende de uma extremidade à outra da capa, enquanto o título da obra tenta igualar-se ao nome do autor. No entanto, devido à sua maior extensão – “Drummond” tem 8 letras e “Antologia poética” tem 16 – o título não consegue ocupar o mesmo espaço, preenchendo o máximo possível da página. Em

seguida, o branco toma conta, finalizando com o selo da Sabiá no canto inferior direito, indicando que esta é a quinta edição “aumentada”<sup>2</sup>.

Na contracapa do livro, o nome completo do autor “Carlos Drummond de Andrade” é apresentado com o mesmo destaque visual do “Drummond” exibido na capa, agora com uma diferença significativa nas cores: o nome aparece em preto e azul. Essa decisão editorial sugere uma reafirmação da identidade autoral, estendendo e complementando a intenção simbólica do sobrenome materno isolado.

A escolha das cores reforça a identidade visual da Editora Sabiá, que frequentemente utilizava combinações cromáticas distintas para destacar autores e obras, conferindo às letras, na esteira concretista, uma dimensão imagética – traço que caracteriza o projeto editorial das antologias.

**Figura 2** – Contracapa da 5ª edição da *Antologia poética*, de Carlos Drummond de Andrade



**Fonte:** Walisson Oliveira Santos (2024)

O verso do livro mantém as mesmas características da capa, com fonte nas cores preta e azul. Aqui, a apresentação comercial do livro é o próprio autor, que também é personagem: “Carlos Drummond de Andrade”.

---

<sup>2</sup> Esta quinta edição, “aumentada”, foi impressa em novembro de 1970, com a capa concebida por Ziraldo e Sabino e executada por Oswaldo Pires. Respectivamente, a diagramação e a revisão foram realizadas por Antonio Herranz e Júlio Bierrencach.

Esse projeto gráfico também é observado na lombada do livro, nas orelhas e em outras informações relacionadas à Editora Sabiá. Em outras edições, como a antologia de Vinicius de Moraes, com as cores preto e verde; João Cabral de Melo Neto, com preto e laranja; Manuel Bandeira, com preto e amarelo; e Neruda, com preto e vermelho. Isso revela a identidade visual da Sabiá, sugerindo uma coleção.

A quinta edição da Sabiá, em alguns aspectos, diverge dos paratextos<sup>3</sup> de outras edições da *Antologia poética*, como a trigésima nona edição da editora Record, de 1998. Por exemplo, a edição da Sabiá inclui orelhas no livro, enquanto a da Record, não. No entanto, esta apresenta dois paratextos importantes: uma nota introdutória, intitulada “Aos novos leitores”, em que Drummond, em primeira pessoa, oferece uma breve autobiografia, destacando seu nascimento em Itabira (MG), sua trajetória como funcionário público, jornalista e escritor profissional, além de refletir sobre as críticas ao poema “No meio do caminho” e sua crença de “que a literatura, tal como as artes plásticas e a música, é uma das grandes consolações da vida, e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade da sua condição” (Andrade, 1998, p. 1); e assinando-a com seu nome completo. A outra é a “Informação: nota da primeira edição”, na qual o autor explica os critérios de seleção dos poemas, procurando destacar características, preocupações e tendências que definem sua obra em conjunto. São, de fato, apenas algumas linhas, mas que se tornam célebres e decisivas ao criarem uma espécie de protocolo de leitura do conjunto da obra.

Já na edição da Editora Sabiá, encontramos outros paratextos que acompanham a obra de Drummond, como folha de rosto, uma biografia sumária, a nota da primeira edição, colofão, entre outros.

Em uma consulta à “Biografia sumária de Carlos Drummond de Andrade”, percebe-se outro delineamento da Sabiá. Na categoria de poesia, por exemplo, estão *Boitempo & A falta que ama* e a *Antologia poética*; enquanto na prosa, encontra-se *Contos de aprendiz* (1969) – em sua sétima edição. Além disso, há um índice de outras publicações do escritor em editoras nacionais, como a José Olympio, a Americ-Edit, a Organização Simões, e a Editora do Autor –também pertencente a Sabino e Braga –; e de edições de poesia no exterior.

---

<sup>3</sup> Conforme explica Genette (2009), o paratexto consiste nos elementos que acompanham um texto ou uma obra, fornecendo informações essenciais para sua identificação e uso. Em outras palavras, é através desses elementos que um texto se transforma em livro e se apresenta como tal aos seus leitores e, de maneira mais ampla, ao público em geral.

Com base nas reflexões de Coelho (2012), é importante destacar que a Editora do Autor, trinta e nove anos após a publicação do poema “No meio do caminho”<sup>4</sup>, nas páginas da *Revista de Antropofagia* (1928-1929), e posteriormente incorporado em *Alguma poesia*, lançou o livro *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*, com seleção e organização de Carlos Drummond de Andrade e apresentação de Arnaldo Saraiva.

Com base nesse elemento paratextual da antologia drummondiana, observa-se o papel de edição desempenhado por Sabino e Braga no cenário editorial brasileiro durante os anos em que estiveram ativos nessa atividade. Esse papel é particularmente relevante devido à influência na curadoria da Literatura Brasileira durante a Ditadura Militar, período em que o governo exercia controle sobre a produção cultural nacional, isto é, sobre as configurações de expressão do povo brasileiro. De acordo com Alves (2019), a obra de Drummond, mesmo nesse cenário, reflete as tensões da época, seja na crítica social implícita em seus poemas, seja na permanência de sua voz literária como resistência simbólica frente à repressão.

Esse período histórico adquire conjuntos de significação à medida que passamos a ler, investigar e analisar o projeto poético drummondiano, conforme descrito por Sant’Anna (1981), o qual naturalmente pode refletir a cicatriz do tempo em sua *Antologia poética*, já que o “poeta pensa o mundo através da linguagem” (Sant’Anna, 1981, p. 85).

Ao organizar uma antologia trinta e dois anos após o lançamento do livro *Alguma poesia* (1930), o poeta reflete sobre a transitoriedade dos tempos em contraste com a permanência da poesia. Consciente do “reino das palavras”<sup>5</sup> e atento ao contexto histórico em que está inserido, ele percebe como um texto do passado pode ressoar de maneira renovada na realidade presente, marcada pela censura.

A performatividade de sua obra, que se desdobra nas páginas de sua coleção de flores, repousa no dicionário de Figueiredo (1913) no verbete de “antologia”<sup>6</sup> e revelar-se-á de forma coesa ao longo deste ensaio. *A priori*, destaca-se a face de um autoantologista: a leitura que o autoantologista Drummond faz sobre o poeta Drummond,

---

<sup>4</sup> *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano 1, n. 3, jul. 1928, p. 9.

<sup>5</sup> Faz-se referência aos versos do poema “Procura da poesia”: “Penetra surdamente no reino das palavras/ Lá estão os poemas que esperam ser escritos.” (Andrade, 1970, p. 197).

<sup>6</sup> Diz o dicionário de Cândido de Figueiredo: de origem grega, *antho+logia* = tratado das flores, coleção de flores; escolha, coleção de poesias; coleção de trechos em prosa e/ou verso; seleta; crestomatia (Figueiredo, 1913).

e os versos heterogêneos que, em certo momento, se unem para compor o conjunto de sua obra, isto é, uma construção de leitura do que deveria ter sido lido.

E esse ponto é especialmente relevante, considerando que a crítica, tradicionalmente, interpretou a poesia de Drummond como uma superposição de três momentos distintos: “[...] a poesia irônica (que iria do livro de estreia – *Alguma poesia a Brejo das almas*); a fase social (de *Sentimento do mundo* a *[A] rosa do povo*) e a fase metafísica (de *Claro enigma* a *Boitempo*)” (Sant’Anna, 1981, p. 86). Entretanto, essa divisão possui um caráter mais aspectual do que estrutural, especialmente quando analisamos a organização de sua *Antologia*. Afinal, a ironia não desaparece, tampouco o social restringe-se exclusivamente à segunda fase; além disso, “[...] chega a ser meio intempestivo o surgimento de uma poesia metafísica se considerarmos que o poeta era ‘apenas’ um indivíduo irônico e social anteriormente” (Sant’Anna, 1981, p. 87).

### 3. “C.D.A.”: A face do autoantologista

No contexto desta seção, exploraremos a hipótese de que “C.D.A.”, quem assina a nota da primeira edição, representaria a face autoantologista de Carlos Drummond de Andrade. Essa reflexão se estende aos estudos de Genette (2009), que identifica três condições principais para a inscrição do nome de um autor: onimato, pseudonimato e anonimato. No caso da *Antologia*, “C.D.A.” pode ser visto como um pseudônimo, além de funcionar como uma assinatura ou uma assinatura por meio das iniciais do autor.

Vale lembrar que Drummond utilizou variados pseudônimos ao longo de sua trajetória tanto jornalística quanto literária, como elenca Nogueira (2008) em seu estudo:

Aldo Mendes, Alcindo Braga, Antonio Crispim, Aloísio Goulart, Aloísio Fontes, Artur Cajazeiras, Artur L. Gomes, Barba Azul, Belmiro Borba, Carlos, Carlos Alberto, Carlos Drummond, Constantino Serpa, Djalma Nobre, Domingos Brandão, Fernando Serpa Moreira, Gastão Mendes, Gato Félix, Hugo de Figueiredo, Inocêncio Raposo, Ivo Serra, Januário Bueno, Joca Dionísio, José Joaquim, José Luiz, José Maria, Júlio Azevedo, El Cabalero Sentimental, Leandro Sabóia, Luiz Esteves, Manoel Fernandes da Rocha, Manoel R. da Silva, Mário Teófilo, Mickey, Ney Miranda, O observador literário, Paulo de Freitas, [...]. (Nogueira, 2008, p. 137).

Outro fato curioso, e que corrobora nossa hipótese, é o que Nogueira ressalta: “O próprio nome do poeta é um pseudônimo, pois a forma original do registro civil era Carlos Drummond Andrade; depois foi acrescentada a preposição *de*” (Nogueira, 2008, p. 137). Isto é, a utilização das iniciais “C.D.A.” pode ser vista como uma extensão da prática de

Drummond, não só em criar uma multiplicidade de identidades e camadas em torno de seu eu autoral, suscitando uma espécie de confusão ou ambiguidade que desvia a simples identificação do autor, como também em se ficcionalizar por meio do texto escrito.

No *corpus* da *Antologia poética*, a face autoantologista passa a apadrinhar o arranjo da obra, narrando, de seu ponto de vista, os aspectos significativos da poesia de sua outra face, a de poeta. Com atenção às palavras de C.D.A., na “Nota da primeira edição”:

Ao organizar este volume, o autor não teve em mira, propriamente, selecionar poemas pela qualidade, nem pelas fases que acaso se observem em sua carreira poética. Cuidou antes de localizar, na obra publicada, certas características, preocupações e tendências que a condicionam ou definem, em conjunto. A Antologia lhe pareceu assim mais vertebrada e, por outro lado, espelho mais fiel. (Andrade, 1970, p. 5).

Esse trecho revela uma das primeiras marcas que C.D.A. proporciona ao leitor sobre a obra do poeta. C.D.A. não só oferece uma contextualização do livro, mas sim uma introdução ao quebra-cabeça poético que se desdobrará, proporcionando-lhe uma visão dos bastidores do processo de criação. O poeta, nesse contexto, não se apresenta apenas como o nome que assina a capa do livro, mas adota uma voz em terceira pessoa para descrever as atitudes que o levaram à organização da seleta. Essa perspectiva, intermediária entre o escritor e o leitor, adiciona ao *corpus* do livro a experiência do antologista e a leitura que C.D.A. faz do conjunto da obra, das inquietações da poesia do autor, como observa Candido (2004), além de explorar as camadas da recepção do livro por parte do leitor.

C.D.A. assina a “Nota da primeira edição”. É intrigante pensarmos que, com amparo no primeiro poema selecionado – “Poema de sete faces” –, o autoantologista pode se revelar como uma das sete faces. Todavia, é importante diferenciar as perspectivas desse “eu desdobrado”: o poeta de *Brejo das almas* não se desvincula da obra nem está isento do projeto editorial. Pelo contrário, “C.D.A.” assume aqui um papel distinto, o de “eu editor”, que dialoga com o “eu poeta”, tornando-se uma presença ativa no tecer antológico de Drummond.

Essa figura de “eu editor”, ou de autoantologista, também se torna um personagem na construção, organização e edição da obra. No entanto, é ativo distinguir o “eu do autor” (sujeito do poeta) do “eu poético” (sujeito do poema) – aquele que se configura por meio

dos poemas. Assim como no “Poema de sete faces”, em que o eu poético ressalta ter nascido *gauche* na vida – esquerdo, torto –, esse aspecto pode também transparecer na epiderme tríplice da *Antologia*. Dessa forma, o “eu do autor” pode se entrelaçar com o “eu editor”, que lê e é leitor de si próprio, que organiza e lê a obra, mas sem necessariamente se confundir com o eu poético, criando uma relação multifacetada entre autor, editor e o personagem lírico presente nos poemas.

Organizada por C.D.A., a *Antologia* “[...] não segue a divisão por livros nem obedece a cronologia rigorosa” (Andrade, 1970, p. 5). Mas qual seria o critério adotado? Em vez de traçar o “mapa dos tesouros literários para o leitor ideal, ávido das vozes clássicas dos tempos” (Casa Nova; Carmona, 2020, p. 18), o rigor técnico cede espaço para que uma face do autor – talvez o “eu editor” – possa dialogar e explorar a outra, potencialmente o eu poético.

A partir dessas discussões, cabe destacar que a *Antologia poética*, de Carlos Drummond de Andrade, é composta por poemas seletos de doze de seus livros<sup>7</sup>, criando uma diversidade temática em nove seções, cada uma contendo material extraído e arranjado sob um determinado princípio organizador. Assim, o leitor encontrará, como pontos de partida ou características de sua poesia: “1) O indivíduo; 2) A terra natal; 3) A família; 4) Amigos; 5) O choque social; 6) O conhecimento amoroso; 7) A própria poesia; 8) Exercícios lúdicos; 9) Uma visão, ou tentativa de, da existência” (Andrade, 1970, p. 5-6). Nesse contexto, as seções da *Antologia poética*, de Drummond, são classificadas pelos seguintes temas, respectivamente:

1. “Um eu todo retorcido”: o indivíduo voltado para si mesmo.
2. “Uma província: esta”: Itabira e outras cidades de Minas Gerais.
3. “A família que me dei”: poemas sobre a família.
4. “Cantar de amigos”: poemas para/sobre os amigos.
5. “Na praça de convites”: praça remete ao “mundo exterior”, que o poeta passa a observar criticamente.
6. “Amar-amaro”: *Amaro* quer dizer amargo. São poemas sobre o amor, em geral cétricos e/ou pessimistas.

---

<sup>7</sup> A saber: *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas* (1934), *Sentimento do mundo* (1940), *José* (1942), *A rosa do povo* (1945), *Novos poemas* (1948), *Viola de bolso* (1952), *Fazendeiro do ar* (1954), *Viola de bolso: novamente acordada* (1955), *A vida passada a limpo* (1959), *Versiprosa* (1967) e *Boitempo & A falta que ama* (1968).

7. “Poesia contemplada”: são poemas que refletem sobre a sua própria poesia, ou seja, esta seção trabalha com a metalinguagem.
8. “Uma, duas argolinhas”: exercícios lúdicos, como é o caso de “Política literária”.
9. “Tentativa de exploração e de interpretação do estar no mundo”: tema similar ao de “Um eu todo retorcido”. No entanto, esta seção é uma visão – ou tentativa de visão – da existência.

Drummond acrescenta ainda um “Suplemento à 5ª edição”, incluindo poemas como “O diabo na escada”, “Visita à casa de Tatá”, “Mulinha”, “O relógio”, “Água-cor”, “O par libertado”, “A falta que ama”, “O deus mal informado”, “Comunhão”, “Conversa informal com o Menino”, “Visões”, “Velho amor”, “Queixa de maio”, “Lira romântiquinha” e “Apelo a meus dessemelhantes em favor da paz”, como é destacado no rodapé da “Nota da primeira edição”<sup>8</sup>.

O primeiro tema, por exemplo, é: “Um eu todo retorcido”. Nestes poemas, a voz poética se revela como um indivíduo que não se encaixa bem na sociedade, apresentando-se ora tímido e desajeitado, ora sensível e relutante em seguir a profissão de seu pai, que era fazendeiro. No entanto, é necessário distinguir o eu poético que emerge nesses versos do autor enquanto pessoa civil. O eu poético (sujeito do poema) constrói-se como um ser problemático, torto, abarrotado de questionamentos, que pode ou não refletir os aspectos biográficos de seu autor, mas que essencialmente é uma criação literária e habita os liames da poesia.

“Um eu todo retorcido” inclui dezoito poemas selecionados de sete livros anteriores da face poeta. Devido à diversidade da obra drummondiana, publicada em diferentes momentos, a organização dos poemas pode ser apresentada da seguinte forma:

**Quadro 1** – Organização dos poemas na *Antologia poética* de Carlos Drummond de Andrade

Ordem	Título do poema	Livro / Ano de publicação
1	“Poema de sete faces”	<i>Alguma poesia</i> (1930)
2	“Soneto da perda esperança”	<i>Brejo das almas</i> (1934)
3	“Poema patético”	<i>Brejo das almas</i> (1934)
4	“Dentaduras duplas”	<i>Sentimento do mundo</i> (1940)
5	“A bruxa”	<i>José</i> (1942)

<sup>8</sup> “Ao texto da 5ª edição da *Antologia Poética* foram acrescentados 15 poemas extraídos dos seguintes livros do autor: *Boitempo* & *A Falta Que Ama*, *Versiprosa* e *Viola de Bolso - IP*” (Andrade, 1970, p. 6).

6	“José”	<i>José</i> (1942)
7	“A mão suja”	<i>José</i> (1942)
8	“A flor e a náusea”	<i>A rosa do povo</i> (1945)
9	“Consolo na praia”	<i>A rosa do povo</i> (1945)
10	“Idade madura”	<i>A rosa do povo</i> (1945)
11	“Versos à boca da noite”	<i>A rosa do povo</i> (1945)
12	“Indicações”	<i>A rosa do povo</i> (1945)
13	“Os últimos dias”	<i>A rosa do povo</i> (1945)
14	“Aspiração”	<i>A rosa do povo</i> (1945)
15	“A música barata”	<i>Fazendeiro do ar</i> (1954)
16	“Estrambote melancólico”	<i>Fazendeiro do ar</i> (1954)
17	“Nudez”	<i>A vida passada a limpo</i> (1959)
18	“O enterrado vivo”	<i>Fazendeiro do ar</i> (1954)

**Fonte:** Elaboração própria.

Observa-se, primeiramente, uma sequência na seleção para compor a seção, baseada no ano de publicação das obras das quais os poemas foram extraídos, com exceção do “O enterrado vivo”, que quebra a linearidade do primeiro ao décimo sétimo poema. Qual poderia ser a razão para essa alteração na organização feita por C.D.A.?

C.D.A. seleciona e exhibe o poeta, além de oferecer um olhar sobre sua trajetória literária – e, talvez, uma narrativa sobre ela. A *Antologia* se torna, assim, um espaço em que as “flores” compõem um mosaico poético que reflete as inquietações, memórias e descobertas do autor. No entanto, é crucial definir a que “poeta” nos referimos aqui: ao autor enquanto pessoa civil, ao “eu editor” que organiza a obra, ou ao “eu poético” que emerge nos versos? Essa distinção é central, pois está na base das questões levantadas neste trabalho. Afinal, importa responder quem é, de fato, o autor?

A partir da organização apresentada na tabela acima, é possível notar a construção de uma narrativa para o “Carlos” aludido no “Poema de sete faces”. Este tecido não só acomoda o “Carlos” registrado civilmente, mas também narra uma história desse indivíduo-personagem, cuja construção ultrapassa a mera identidade biográfica e se entrelaça com a figura poética que habita os versos. Assim, é importante discutir a distinção – ou correspondência – entre o “Carlos” enquanto indivíduo e o “Carlos” enquanto personagem poético, pois ambos coexistem e se reforçam ao longo da seção.

A organização proposta pelo autoantologista revela uma narrativa seriamente elaborada. Os poemas de 1 a 9 marcam o nascimento do eu e seu primeiro encontro com o torto-mundo:

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.  
[...]  
(Andrade, 1970, p. 9).

De 10 a 14, exemplificados pelo título do poema “Idade madura”, ilustram o processo de amadurecimento do personagem “Carlos”:

As lições da infância  
desaprendidas na idade madura.  
Já não quero palavras  
nem delas careço.  
[...]

Estou solto no mundo largo.  
Lúcido cavalo  
com substância de anjo  
circula através de mim.  
[...]  
(Andrade, 1970, p. 23-24).

Já os poemas de 15 a 18 refletem a contemplação que “Carlos” faz de si mesmo, do mundo e de sua finitude, sendo exemplificado em “O enterrado vivo”:

É sempre no passado aquele orgasmo,  
é sempre no passado aquele duplo,  
é sempre no futuro aquele pânico.  
[...]  
(Andrade, 1970, p. 39).

Antes de considerar-se o oxímoro de si, de nascer já com prazo de validade, o “Carlos” também teve de retornar ao útero da vida, nascendo como todos, nu e com tão pouco, e com a certeza da vida, como no poema “Nudez”, despindo-se em palavras:

[...]  
Minha matéria é o nada  
Jamais ousei cantar algo de vida:  
Se o canto sai da boca ensimesmada,  
É porque a brisa o trouxe, e o leva a brisa,  
Nem sabe a planta o vento que a visita.  
[...]  
(Andrade, 1970, p. 37).

A elaboração dessa hipótese, de que a seção “Um eu todo retorcido” arquiteta uma narrativa sobre a trajetória do “Carlos”, é interessante, já que reflete a habilidade de C.D.A. em construir uma narrativa coesa e reflexiva através da seleção criteriosa de poemas e de criar um campo lexical que espelha não apenas a jornada intrínseca da face poeta, como também convida o leitor a explorar as diversas camadas da existência humana e suas contradições. Como referido no ensaio de Garcia (1955), um dos processos poéticos volta e meia utilizados por Drummond em sua obra é a “associação semântica e paronomástica”, ou o “jogo de palavra-puxa-palavra” (Garcia, 1955, p. 9); ou seja, os títulos-puxam-títulos e trazem à tona novos contextos a leitura de um “Um eu todo retorcido” e ampliam a interpretação crítica da *Antologia poética*.

E é através do jogo de “palavra-puxa-palavra” que se delinea a sequência das setenta-vezes-sete faces de Carlos Drummond de Andrade. Como exemplo, na seção anterior, citamos a edição da editora Record e sua nota “Aos novos leitores”. Nesta, uma inquietação passa a se sobressair: a primeira palavra que desponta das mãos do autor é “Nasci” (Andrade, 1998, p. 1), ecoando doze páginas depois no primeiro verso do “Poema de sete faces”: “Quando *nasci*, um anjo torto” (Andrade, 1998, p. 13, grifo dos autores). O eu que assina a nota se funde de maneira complexa com o eu poético, o eu-Carlos presente no poema, mas sem que essa fusão seja absoluta ou linear. Ou seja, embora haja uma relação entre esses “eus”, a relação não é de total amalgamação, mas de sobreposição e reflexão contínua entre o “eu autor” e o “eu poético”. Cada palavra lançada é, então, um convite à reflexão e à descoberta de um “eu” – ou das faces de um “eu” – na poesia de Drummond.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das propostas iniciais deste ensaio foi trazer uma nova reflexão sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade, focando a face do autoantologista, o “C.D.A.”. Nesse cenário, argumenta-se que Drummond se ficcionaliza na especialidade da obra, especialmente através dos diversos “eus” presentes na antologia. Assim, é categórico esclarecer o que entendemos por autor nesse contexto: estamos nos referindo a Drummond como pessoa civil, ao autoantologista que seleciona e organiza os poemas, ou ao eu poético que emerge nos versos? Essa distinção é essencial para compreender como essas diferentes instâncias dialogam na construção de sua *Antologia poética* e como elas

contribuem para a criação de uma narrativa multifacetada, que transcende a simples catalogação de poemas.

A partir dessas discussões, este ensaio se transforma em uma metanarrativa, na qual a obra de Carlos Drummond de Andrade discute a si mesma, perpetuamente inacabada. A face do autoantologista emerge como um constelador que organiza o disperso em um anexo coeso, facilitando a mediação entre a seleta de Drummond e o que vai além dela. Esse processo revela o que já era público, mas até então invisível, criando uma reflexão contínua sobre a obra e a identidade do autor, que se desdobra e se reconfigura a cada nova leitura.

Este ensaio também convida leitores e pesquisadores a considerar a *Antologia poética* como uma jornada crítica pela obra de Carlos Drummond de Andrade, refletindo sobre o que o autor reivindica de si e de seu fazer poético.

## Referências

ALVES, F. C. “Em cinza enxovalhada”: Drummond e a ditadura militar. **Estudos Avançados**, [S. l], v. 33, n. 97, p. 303-316, 2019.

ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. 5. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1970.

ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CANDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond. In: **Vários escritos**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004, p. 93-122.

CARVALHO, R. F. **A editora do passarinho**: um estudo sobre a Editora Sabiá. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CASA NOVA, V.; CARMONA, K. Antologia. In: RIBEIRO, A. E.; CABRAL, C. A. (Orgs.). **Tarefas da edição**: pequena midiapédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020, p. 17-19.

COELHO, E. Mundo vasto. **Cadernos de Literatura Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 27, out. 2012, p. 9-20. – (Carlos Drummond de Andrade).

FIGUEIREDO, C. Antologia. In: **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913, p. 150.

GARCIA, O. M. **Esfinge clara**: palavra-puxa-palavra em Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

NOGUEIRA, L. A pseudonímia e a poesia renegada de Carlos Drummond de Andrade. **Eutomia**, [S. l], ano 1, n. 1, p. 132-145, jul. 2008.

SANT'ANNA, A. R. O projeto poético drummondiano. In: **Carlos Drummond de Andrade: 50 anos de *Alguma poesia***. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1981, p. 85-106.

SOUZA, R. A. Leitura exploratória. In: **Um pouco de método: nos estudos literários em particular, com extensão às humanidades em geral**. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 81-83.

## **AGRADECIMENTOS**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro e pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização deste trabalho.